



Daniel Bessa

## UM RESULTADO NOTABILÍSSIMO

A economia portuguesa tem-se caracterizado, ultimamente, por uma série de bons resultados. Alguns são muito recentes, ainda muito precários. Outros, um pouco mais longos, parecem mais consistentes. Respeitam a variáveis de importância desigual mas que, nalguns casos, começam a aproximar-se do dia a dia da vida das empresas, e das pessoas, que poderá começar a melhorar.

O mais notável de todos esses resultados é o que se observa em matéria de exportações de bens e serviços. Nunca, antes do início da crise, ultrapassaram os 32% do PIB (máximo de 32,4%, em 2008). Chegaram a 36,7% do PIB em 2012, tendo subido, consecutivamente, para 39,8%, 41,1% e 42% nos 1º, 2º e 3º trimestres de 2013 — e não se diga que tal fica a dever-se, apenas, à queda do PIB, que, por si só, teria levado aos 35% o anterior máximo de 32,4% (efeito de uma queda acumulada do PIB da ordem dos 7%).

Numa análise mais desagregada, verifica-se que, em muitos sectores, entre 2007 e 2012 (antes, portanto, da intensificação do processo, em 2013), as exportações portuguesas cresceram a ritmo superior ao das importações mundiais, com consequente ganho de quota de mercado pelas nossas

empresas. É assim nos combustíveis minerais (taxas de crescimento de 21% e de 12%, respetivamente, no papel (13% contra 2%), nos fármacos (11%-4%), nos óleos vegetais, azeite incluído (15%-10%), nas frutas e legumes (12%-7%), nos plásticos (10%-6%), nas estruturas, barras e outros produtos metálicos (7%-3%), no peixe (9%-6%), nos têxteis (7%-4%), na maquinaria (7%-4%), no mobiliário (5%-2%), na borracha (11%-9%), nos veículos e suas componentes (3%-2%).

Como se referiu, este processo intensificou-se nos últimos meses, de tal modo que, nos dois anos terminados no segundo trimestre de 2013, as exportações portuguesas foram as que mais cresceram no conjunto dos países da antiga UE-15.

Este resultado é notabilíssimo, constituindo o maior, para não dizer o único fator de esperança para os portugueses residentes — esperança em, um dia, encontrarem um emprego e um salário mais elevado, o mínimo a que todos aspiram. É deste processo, e do seu aprofundamento, que podemos esperar, num futuro relativamente próximo, o alívio das políticas de austeridade, que, entretanto, terão de continuar. Deve-se quase que exclusivamente às empresas portuguesas, aos seus empresários e aos seus trabalhadores, tendo o Estado contribuído, apenas, com o abandono de um sistema de incentivos errado e que, durante tantos anos, orientou a produção para um mercado interno financiado por dívida, nomeadamente pública — o erro fatal dos que, insistindo em recusar o recuo da despesa pública, insistem em roubar-nos o futuro (como se já não bastasse o legado de quem nos desgovernou e de quem, se tal lhe tivesse sido consentido, nos teria desgovernado ainda mais).

Investimento, e emprego, nestas atividades de exportação, em todos estes sectores, é tudo o que se nos exige, e com o que a vida finalmente melhorará. O resto, mais do que conversa, é veneno.